Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

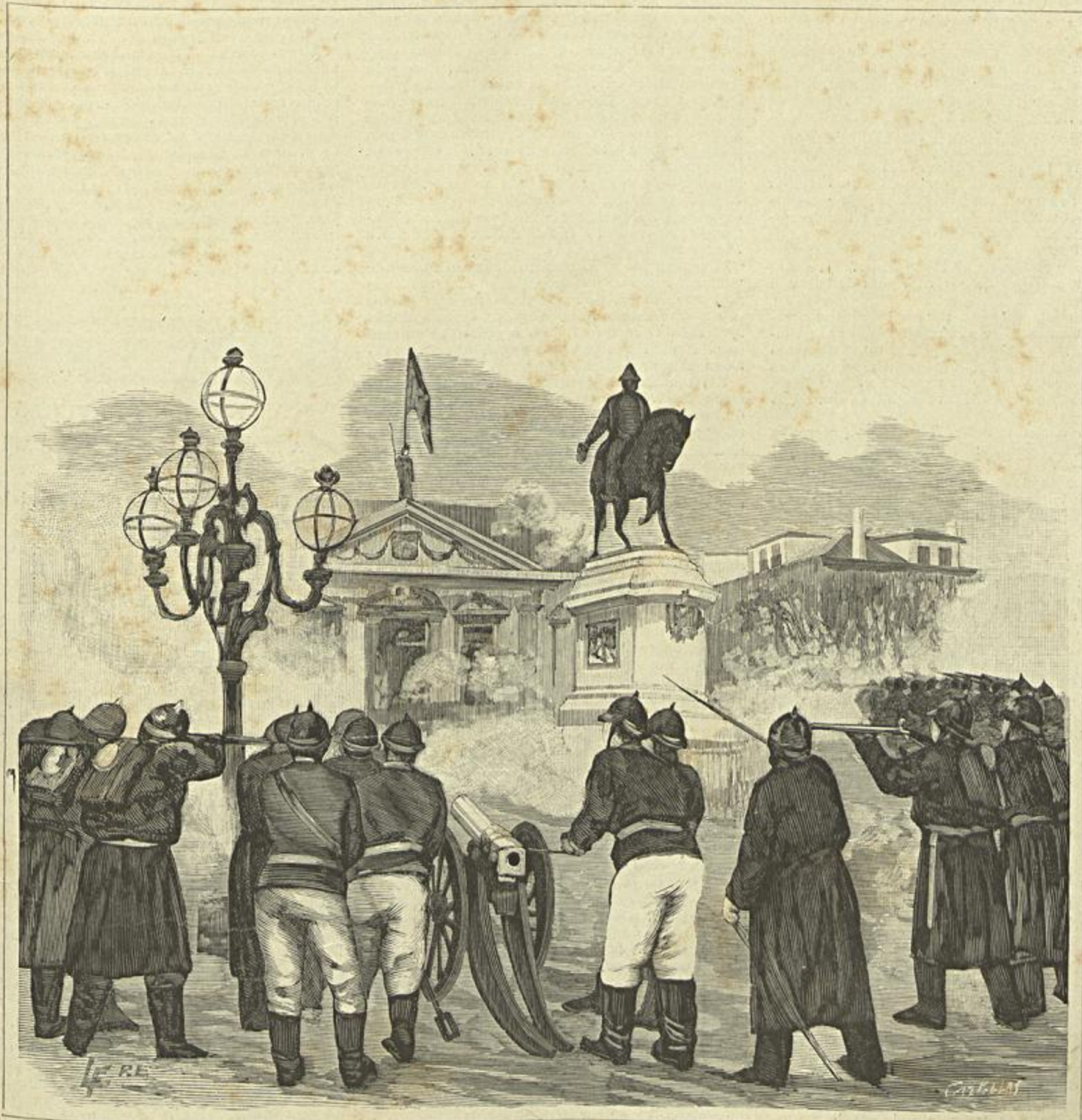
14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 437

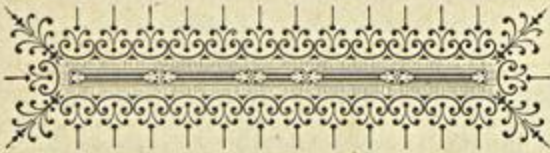
11 DE FEVEREIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

BOMBARDEAMENTO DOS PAÇOS DO CONCELHO PELAS TROPAS FIEIS AO GOVERNO

(*Croquis* de L. Freire)

CHRONICA OCCIDENTAL

No dia em que o ultimo numero do nosso jornal estava a entrar na machina correu em Lisboa uma noticia gravissima, que aterrou uns, alegrou outros, surprehendeu a todos — a noticia de que estava proclamada no Porto a Republica e que na casa da camara tremulava a bandeira republicana.

Comprehende-se bem a sensação enorme que esta noticia, perfeitamente inesperada, causou na capital e a anciedade com que se procuravam e esperavam promenores.

Esses promenores vieram a pouco e pouco e os que tinham no principio duvidado da verdade e da authenticidade da noticia, tiveram que se convencer da verdade d'ella.

Effectivamente era verdadeira a noticia: — a Republica fora proclamada das janelas do edificio da camara, nomeado o governo provisorio, arvorada a bandeira republicana no meio das saudações e dos vivas de toda a gente que enchia a praça de D. Pedro ás 8 horas da manhã do dia 31 de janeiro.

O dr. Alves da Veiga discursara da janella ao povo e á tropa no meio dos applausos da multidão, o actor Miguel Verdial, que Lisboa conhece muito bem de ter feito durante annos parte da companhia do theatro da Trindade, lêra a lista do governo provisorio em que figuravam os nomes dos srs. Rodrigues de Freitas, Joaquim Bernardo Soares, general Correia da Silva, Licino Pinto Leite, Azevedo Albuquerque, Santos Reis e Alves da Veiga, e tudo isso correra alegremente sem protestos, e os revoltosos imaginaram-se triumphantes sem lucta, tinham direito a julgar que se repetiam em Portugal as scenas do Brazil e que bastava aquella ceremonia da Praça de D. Pedro para se mudar a forma de governo, para derrubar a velha monarchia.

E tanto julgavam isto que os soldados insurrectos commandados pelo capitão Leitão e pelo Alferes Malheiros, e acompanhados por uma multidão enorme, subiram a rua de Santo Antonio, com as bandas marciaes á frente tocando a *Portugueza*, não como quem espera o inimigo mas sim como quem canta a victoria.

A meio da rua de Santo Antonio, — a narrativa que fazemos foi-nos contada por uma testemunha occular — os revoltosos pararam surprehendidos pelo toque de clarim d'uma força da municipal, que lá em cima postada ao pé da Igreja de Santo Ildefonso, dominava toda a rua.

Esse toque de clarim era o primeiro toque de fogo.

Os revoltosos pararam: a banda que vinha á frente abrigou-se no pateo do estabelecimento de banhos: o alferes Malheiros, collocou-se denodadamente á frente dos seus soldados e fallou-lhes animando-os.

Ouviu-se segundo toque de clarim.

D'uma janella, não se sabe quem, dispara um tiro de revolver.

Quatro ou cinco dos revoltosos ajoelham e fazem fogo para a municipal.

A municipal responde-lhes com uma descarga cerrada.

Entre a multidão que acompanhava os revoltosos festivamente como quem acompanha uma romaria, produziu-se então um panico enorme: ha um *sauve qui peut* geral, entre o povo, que não entre os revoltosos, que se portam valorosamente, justiça lhes seja feita, e fazem corajosamente face ás forças fieis.

Trava-se lucta renhida: de lado a lado caem mortos e esses mortos que caem fazem redobrar o ardor da peleja.

Os municipaes eram poucos em relação aos revoltosos mas portam-se como valentes.

N'isto ouve-se perto cornetins.

E' o regimento de infanteria 18 que vem pela rua de Santa Catharina.

Toda a gente comprehende que se vae decidir ali o resultado da lucta.

Esse regimento que vem traz comsigo a sorte do combate. Se vem pactuar com os revoltosos é d'elles o triumpho, se vem em auxilio á municipal, a revolta está perdida.

O regimento apparece no alto da rua de Santo Antonio com o seu coronel, o sr. João de Menezes Cabanellas á frente.

— Quem vive? perguntam-lhe d'ambos os lados.

— El-rei D. Carlos! responde o coronel Cabanellas.

Os revoltosos sentem-se perdidos; e nas suas fileiras começam as deserções.

A municipal e infanteria 18 avançam sobre elles, que recuam fazendo sempre fogo até á Praça Nova e ahi refugiam-se na casa da camara.

A lucta então assume proporções tragicas.

D'um lado e d'outro batem-se como leões, practicam-se verdadeiras heroicidades.

Da Serra do Pilar vem duas peças de artilheria em auxilio das tropas do governo: essas duas peças são collocadas contra a casa da camara e começam a vomitar ballas sobre os revoltosos.

Estes resistiram emquanto puderam mas a sua derrota era inevitavel e ás duas horas da tarde a municipal escalava a casa da camara, prendia os revoltosos que não conseguiram fugir e a bandeira portugueza, com as armas reaes, substituia a bandeira da Republica que durante sete horas fluctuara sobre o municipio do Porto.

As primeiras noticias deram como sendo de 150 o numero de mortos: as segundas noticias desmentiam esta cifra dizendo que esse numero não chegava a 20, mas depois verificou-se que a primeira noticia é que era verdadeira e que o numero de mortos passa de cem.

O governo apenas teve noticia da revolta mandou partir para alli varios regimentos da capital alguns dos quaes não chegaram mesmo a sahir de Lisboa, pois antes d'isso veio a noticia de estar suffocada a rebellião, decretou suspensão de garantias para o Porto e assumiu a dictadura para tomar medidas energicas, já em relação ao julgamento dos revoltosos, que serão todos, tanto militares como paisanos julgados em conselho de guerra, a bordo dos navios de guerra que foram mandados para o Douro para recolher os presos, já em relação á imprensa republicana, mandando prohibir a publicação e venda de jornaes republicanos no Porto, suspendendo nas provincias as folhas republicanas, que ali se publicavam e intimando suspensão em Lisboa á *Patria, Debates* e *Pontos nos ii*.

E' avultadissimo o numero de prisões tanto de militares como de paisanos que se tem realisado no Porto. Alguns dos revoltosos fugiram para o estrangeiro como o dr. Alves da Veiga e alferes Malheiros. O capitão Leitão o official de patente mais elevada que se poz á frente das tropas sublevadas foi preso em Albergaria.

Eis summariamente narrados os acontecimentos graves e profundamente tristes que enlutaram o ultimo dia de janeiro, acontecimentos que como não podia deixar de ser produziram profunda e dolorosa sensação em todo o paiz, já desacostumado de guerras civis, já desacostumado de vêr as ruas manchadas por sangue de portuguezes e por portuguezes feito derramar.

Emquanto aos commentarios d'esses factos que rapidamente narramos nas suas linhas proeminentes d'essa revolta abortada de cujas principaes scenas O OCCIDENTE dá hoje *croquis*, cada qual os faz ao saber das suas inclinações politicas, debaixo do seu ponto de vista partidario. Entretanto ha um ponto em que todas as opiniões são accordes: — na tristissima escolha do momento em que está pendente uma gravissima questão de politica externa, a questão ingleza, para perturbar a politica interna do paiz com estas luctas, cujo resultado, fosse elle qual fosse, não faria senão aggravar a nossa situação perante o estrangeiro.

A maneira como a revolta do Porto que teve especialmente o caracter d'uma revolta militar, foi levada a effeito, veio provar o estado desgraçado em que está a disciplina em alguns dos nossos regimentos.

Corre com insistencia que ha muitos mais militares implicados na insurreição alem d'aquelles que appareceram na rua: não sabemos se é assim ou não, mas o que sabemos é que a revolta de 31 de janeiro estava de ha muito preparada e que os regimentos estavam minados sem que aquelles que tinham a seu cargo manter a disciplina d'isso fizessem caso ou mostrassem ter d'isso noticia.

E entretanto no Porto toda a gente sabia já ha muitos dias que se preparava a revolta, na vespera alludia-se francamente a ella em toda a parte e nem as auctoridades militares nem as auctoridades civis a souberam evitar e parece que nem sequer o tentaram, porque os revoltosos não achavam nenhum estorvo á realisação do seu plano e sahiram dos quarteis muito á vontade e sem esconderijo algum, reuniram-se na Praça Nova, proclamaram ruidosamente a Republica sem que pessoa alguma lhe embargasse o passo.

E' ou não realmente assombroso tudo isto!

Foi á attitude energica, á fidelidade das guardas municipaes e de grande parte do regimento 18 com o seu coronel á frente, que a monarchia deve ter abortado a sedição militar do Porto; foi a isso e segundo as declarações d'alguns dos revoltosos presos, á traição de muitos que estavam mettidos no *complot*, que tinham adherido ao movimento, e que á ultima hora faltaram aos seus compromissos e deixaram os seus companheiros só em praça.

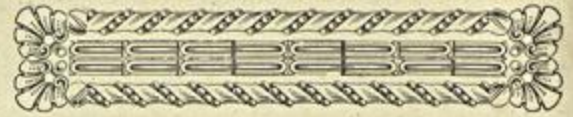
Não sabemos até que ponto são verdadeiras estas allegações, mas o que sabemos e toda a gente que estava no Porto viu, é que quando o bom exito da revolta principiou a estar duvidoso, do grupo dos revoltosos começaram a passar para o lado contrario, para o lado da força e da victoria, muitos dos insurectos.

Não ha nada que admirar, porque no fim de contas sempre assim foi e aquelle boticario do Porto que quando viu astiar na Camara Municipal a bandeira republicana tratou logo de tirar da sua porta as armas reaes, e apenas viu que a bandeira era arreiada tratou immediatamente de as tornar a pôr, tem em toda a humanidade numerosa parentella.

Se a revolta tivesse triumphado os vencidos de hoje seriam acclamados como heroes e muitos d'aquelles que pedem hoje para elles penas severas seriam os primeiros a fazerem-lhes apotheoses enthusiasticas. E a eterna comedia da vida, essa comedia que ás vezes assume as proporções epicas de tragedia, como d'esta vez no Porto, mas que tem sempre no fundo a nota, ora burlesca ora vil, do egoismo humano.

As proporções da nossa chronica não nos permite, mais desenvolvida noticia da revolta do Porto revolta cujos promenores tem sido minuciosamente contados por todos os jornaes do paiz, nem nos permitttem tratar d'outros assumptos muito mais alegres e em que com certeza a nossa penna se comprazia muito mais, o carnaval de Lisboa, apezar d'elle não ter sido d'uma alegria por ahi alem, e as duas operas novas de S. Carlos a *Mala Pasqua* e o *Crispim e a Comadre* que foram dois grandes triumphos para Helena Theodorini.

Trataremos d'ellas na nossa proxima chronica, porque o seu *successo* foi tão grande que com certeza viverão até lá.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

As illustrações do OCCIDENTE são hoje dedicadas á revolta militar da cidade do Porto, occorrida na madrugada do dia 31 de janeiro, o facto mais importante que se deu n'estes ultimos dias.

A *Chronica Occidental* refere-se largamente á revolta descrevendo como os acontecimentos se deram, acontecimentos que os nossos desenhos reproduzem, e, portanto, o leitor lendo aquella e vendo estes, facilmente completará as suas idéas sobre este triste acontecimento que fez derramar sangue portuguez.

Trataremos, pois, tão sómente de dar algumas notas biographicas dos individuos que tomaram parte mais importante no movimento revolucionario, e de que publicamos os retratos.

São os vencidos e os vencedores e ambos tem papel importante em face da historia, e se nem de todos publicamos os retratos é porque os não podémos obter.

ALVES DA VEIGA. — E' considerado um dos chefes da revolta que tinha por fim proclamar a republica em Portugal, principiando pelo Porto.

Um dos membros mais importantes do partido republicano é tambem dos de mais acção, e no anno passado viajou por Hespanha, França e Italia onde se relacionou com os homens mais importantes do seu partido e assistiu a varias reuniões e banquetes de caracter politico, como constou pelas noticias publicadas por toda a imprensa.

Augusto Manoel Alves da Veiga é filho da provincia de Traz-os-Montes onde nasceu em 1850.

Formou-se em direito na Universidade de Coimbra e desde estudante que manifestou as suas idéas avançadas em varios periodicos que fundou em que se conta a *Republica Portugueza*, jornal em que collaborou Magalhães Lima, Alves Moraes, Lopes de Mello, Alvaro de Mendonça, Almeida Ribeiro, ainda estudantes e Manoel de Arriaga, Silva Pinto e Albano Coutinho.

Foi fundado por Alves da Veiga o *Centro Eleitoral Republicano do Porto*, e na lista do governo provisorio da republica figura o seu nome.

Alves da Veiga, á testa da revolta, leu das janellas dos paços do concelho do Porto, a proclamação do novo governo ao povo.

Vencido na sua causa, fugiu e consta que se acha actualmente na Belgica.

Joao Chagas. — E' moço, tem apenas 30 annos e ainda ha poucos tempos escrevia nas folhas monarchicas com distincção. Apaixonou-se pela Republica que um dia lhe sorrio e pôz ao serviço d'ella todo o seu talento,

E' assim que ha poucos mezes fundara no Porto o jornal *A Republica Portugueza*, e a violencia dos seus artigos valêram-lhe varias querellas por que fôra julgado e condemnado, em relação á primeira, a 10 dias de prisão, sentença que estava cumprindo quando rebentou a revolta.

Sem ter tomado parte na mesma revolta, foi comtudo conservado na cadeia, e incommunicavel, por ser considerado um dos que mais concorreu com os seus escriptos para a exaltação dos espiritos, e porque na busca que foi dada á redacção da *Republica Portugueza* se encontraram, segundo dizem, documentos que o compromettem em face da mesma revolta.

Antonio do Amaral Leitao. — Capitão de infanteria n.º 10 é o chefe da revolta militar, o que tomou o commando das forças que se revolucionaram, batendo-se com bravura contra as forças fieis ao governo e desapparecendo quando viu a sua causa perdida.

E' natural de Forminhão, proximo de Vizeu e sentou praça em 1865, com 20 annos de idade, tendo feito o curso da sua arma.

A revolta pôl-o em evidencia, pois qus até ali a sua individualidade nunca se tornara saliente por nenhum facto do dominio publico.

Estava em infanteria n.º 10 desde 1888, anno em que fôra promovido a capitão e diz-se que desde esse tempo principiou a fazer a sua propaganda republicana no corpo a que pertencia, conseguindo assim chegar a ponto de o dominar.

Entretanto é facil de suppôr que elle não teria sahido a campo se não contasse com a adhesão de outros corpos que lhe falharam.

O capitão Leitão foi preso em Albergaria e conduzido para o Porto tres dias depois da revolta.

Alferes Malheiros de caçadores n.º 9 tomou o commando das forças do seu regimento e portou-se como heroe na lucta travada contra as forças fieis ao governo.

Estava de guarda á cadeia quando se reunio aos revoltosos que ali o foram procurar. Diz-se que elle morrera na refrega, mas o seu cadaver não foi encontrado, o que faz suppôr que elle fugiu, embora ferido, sendo certo que foi dos ultimos a abandonar o campo.

Tem sido procurado sem resultado e não ha noticia de que elle emigrasse para Hespanha ou outro ponto.

Miguel Verdial. — E' um actor conhecido em Lisboa e que actualmente estava escripturado no theatro do Principe Real do Porto.

Na noite da revolta ainda representou.

A sua exaltação tocava a loucura, e possuira-se da idéa de que era um salvador da patria. Dizia ter grandes planos politicos como ninguem nunca os tivera.

Foi elle que, junto com o Dr. Alves da Veiga, prégava ao povo do alto das janellas dos Paços do Concelho.

Miguel Verdial é ainda moço bastante e nunca ninguem suspeitou que elle fosse um politico revolucionario.

Entretanto lá se envolveu na revolta e foi um dos primeiros a ser preso.

Santos Cardozo é um antigo jornalista actualmente redactor e proprietario da *Justiça Portugueza* que se publica no Porto

Violento nas suas apreciações tem tido mais de um conflicto por causa dos seus escriptos.

Foi tambem aos Paços do Concelho tomar parte na proclamação da republica e por esta circumstancia prezo, alem do seu nome figurar tambem na lista dos individuos que deviam exercer cargos no novo governo.

Diz-se que em sua casa a policia encontrou armas carregadas.

João Paes Pinto abbade de S. Nicolau é um republicano de recente data, segundo parece, porque ainda não ha muitos tempos militava no partido progressista.

Parece que os ultimos acontecimentos com respeito á questão ingleza, influiram no seu espirito de modo a fazel-o encarar a republica como unico governo capaz de salvar a sua patria.

E' doutor pela Universidade de Coimbra e foi n'esta cidade capellão das freiras de Santa Clara. De Coimbra passou ao seminario de Evora onde foi professor e d'aqui veio prior para a freguezia de S. Nicolau no Porto pelo que é conhecido por abbade de S. Nicolau.

Muito estimado na cidade pelos seus actos de caridade e qualidades de caracter, tem sido geralmente sentida a sua prizão como implicado na revolta, embora não tomasse parte n'ella na occasião.

João Eduardo Sotto Mayor de Lencastre e Menezes coronel commandante de infanteria n.º 18 foi o que junto com o coronel Antonio Ferreira Sarmento, commandante da guarda municipal conseguio dominar a revolta, com uma coragem e valentia pouco vulgar.

O coronel João de Menezes descende de uma illustre familia que tem o seu solar em Cabanellas de que lhe vem o appellido Cabanellas porque geralmente é conhecido. Nasceu em Penafiel a 29 de julho de 1835 e fez o seu curso no Collegio Militar, Eschola Polytechnica e Escola do Exercito.

Foi durante muitos annos promotor de justiça nos conselhos de guerra no Porto, commissão que deixou para ir commandar o regimento de infanteria n.º 18.

A' sua energia se deve o ter-se conservado fiel ao governo o seu corpo, porque entrando no quartel de madrugada e encontrando os soldados em desordem, não exitou em se lhes dirigir chamando-os á ordem e fazendo sahir o regimento para se oppôr aos revoltosos.

O commandante da guarda municipal a que já nos referimos foi tambem um dos heroes d'esta lucta, que não duvidou impor se aos seus soldados, que aliaz se diz estavam inclinados aos revoltosos, e n'isto foi tambem secundado pelo major José Maria da Graça da mesma guarda, que tambem se portou com egual valor.

NOTAS DA CAPITAL

III

—Incendio !

Quando a voz alarmante gritou, no silencio da noite alta, vinda do andar inferior, eu tive uma subita crispação de nervos e o peito doeu-me á pancada do abalo moral como se recebesse em cheio a marrada de um toiro. Proximo havia uma porta que ligava com a escada; — corri para ella, mas uma onda de fumo denso impelliu-me para traz, meio desmaiado pela asphyxia. O terror teve-me quasi paralysado, e aquellas vagas cinzentas, opacas pareciam approximar mais dos meus ouvidos os gritos que, em baixo, as victimas soltavam, meio estranguladas pela atmosphera de chumbo.

Approximei-me de uma janella e uma lavareda, vinda de baixo, parecia alongar-se até a mim, como um iman do inferno. Recolhi-me aterrado, com os cabellos chamuscados. Andava no ar um cheiro intenso a roupa queimada, e o fumo vinha enchendo toda a casa n'um empastamento de brumas, como nuvens de um cosmorama biblico, pesando como chumbo sobre o peito e torcendo gargalheiras fortissimas, a reter a respiração já espaçada, insoffrida...

O pavimento, listado de tabuas, estava já quente, e ouvia-se por baixo um estrallejar de madeira que se queima, desmoronar de moveis, ruido de vidros partidos — uma amalgama de sons brutaes inarticulados, secos e fortes como trovões estrangulados rolando successivamente em tablados de crystal, de bronze e de madeira gasta.

Tinha um unico meio de salvação: — forçar a porta que conduzia a uma casa visinha. Dirigi-me a ella, e, aos embates do corpo insensibilisado por aquelle banho de terror, vi a porta estalar, abrindo em lanhos verticaes as laminas finas de madeira.

Mais um embate, e a porta cedeu.

Sentira roçar-me nas roupas alguma coisa de aspero que as rasgava; e quando me vi só, livre do incendio que avançava n'um côro de ruidos soturnos e estrallidos de chammas, olhei-me e quasi me não reconheci sob aquelle vestuario esfarrapado como um despojo de mendigo.

Na casa visinha o fogo avançava com uma intensidade pavorosa, e o calor das chammas e os novellos de fumo, chegavam já até a mim com uma renitencia de perseguição.

Vi uma escada e desci. Tinha aspectos de criminoso, na minha sahida rapida e cautelosa.

Em baixo junctavam-se moveis, coisas de valor, e, entre as physionomias espavoridas dos que trabalhavam, notava-se um perfil suave de mulher, a quem o susto esbatera a coloração n'uns tons leves de opala. Vestia de branco e, sobre os cabellos negros em desordem, ondulava ainda uma flôr de laranjeira.

Fôra noiva n'aquelle dia e o alarme do desastre visinho acordara-a brutamente do primeiro sonho nubil...

Tremula, o busto franzino e elegante, nos olhos uma expressão de angustia crystalisada n'uma insensibilidade anormal, o espirito cheio da passividade de um sonho, tinha alguma coisa de ethereo, como um perfume, alguma coisa de vago, como uma miragem do Infinito.

E olhava-o, ao noivo, n'um sphyngismo de somnambula, como se o olhar, vitrificado, cedesse a um magnete que o movimentasse n'uma inconsciencia de inanimado. E seguia-o, inexpressivamente, emquanto elle, mudo do esforço e da surpreza, pretendia salvar coisas pequenas de valor intimo, n'um grande silencio de dôr que se esmaga: — um quadro bordado por *ella*, reliquias de familia, presas a uma tradição escripta no pergaminho da alma...

* * *

Do outro lado o fogo proseguia. Sentia-se um desmoronar phantastico, soturno, como uma lucta de subterraneo, e na rua a multidão compactisava-se n'uma planura indistincta de cabeças. Tremiam vozes de commando e ouviam-se choros de mulher n'um grupo onde a população se adensava n'uma avidez fremente de curiosidade.

Mas de subito, uma mulher com os cabellos chamuscados, mãos na cabeça e o corpete mal apertado, deixando ver uma nesga do seio palpitante, rompeu da casa incendiada aos empuchões de um bombeiro.

— O meu filho — ! dizia — e a sua voz, como o ruido de um peito que estala, quasi não tinha o som que se adivinhava n'aquelle entreabrir da bocca sequiosa de ar ! — Queria voltar, atravessar as chammas, e julgava-se intactil ante aquella torrente rubro-alaranjada que sahia pelas janellas, como braços de assassinos escorrendo sangue. Estorcia-se entre os que a prendiam para salvar-lhe a vida, redobrando as fôrças a cada clarão mais intenso, a cada ruido fragoroso que vinha de dentro.

Repentinamente, como trazido no seio de uma chamma, appareceu um homem na janella, com uma creança nos braços.

Houve como uma repercussão na mulher, que ergueu as mãos pedindo surdamente o corpo da creança. E queria gritar, mas da larynge secca sahia-lhe apenas um som rouco, como se o encontro de um gemido e de um riso lhe intumecessem a garganta, estrangulando-lhe a voz. Houve um segundo de palpitante expectativa que suffocou todos os rumores. Afinal alguma coisa pesada, como um vigamento do tecto, cahiu meio carbonisada e fumegante sobre o homem e sobre a creança, que desappareceram na mesma queda, sem um grito, deixando apenas, no sitio onde tinham estado, um clarão phantastico como um vislumbre do inferno.

A multidão murmurou; e a mulher, como sentindo tambem a pancada que lhe arrebatava o filho, tombou para o lado, hirta, pesada, depois de uma rapida convulsão que traduzia um grito de dôr tão grande, tão excepcional que só poderia soar se o peito estalasse completamente.

* * *

Em cima, a casa dos noivos ardia já. E elle involvido pela fumarada que crescia não cessava de revolver tudo, procurando pequeninas coisas, insensibilisado ante o adensamento lugubre da atmosphera que já lhe pesava nos pulmões, todo entregue ao seu somnambulismo de artista e de namorado, n'um desprezo inconsciente da vida que perigava — heroe sem o sentir, martyr insensibilisado pelo excesso da dôr e da surpreza.

E ella, a noiva, gradualmente mais branca, mais sphyngica, continuava a seguir-lhe os movimentos com o olhar inanimado, o busto immovel como marmorisado sob o vestido claro, n'um pesadello de espirito que se repercutia na paralysação do exterior.

E a cada objecto que elle guardava avaramente, o seu rosto oval, em opala, illuminava-se, como a estatua de um tumulo batida de luar.

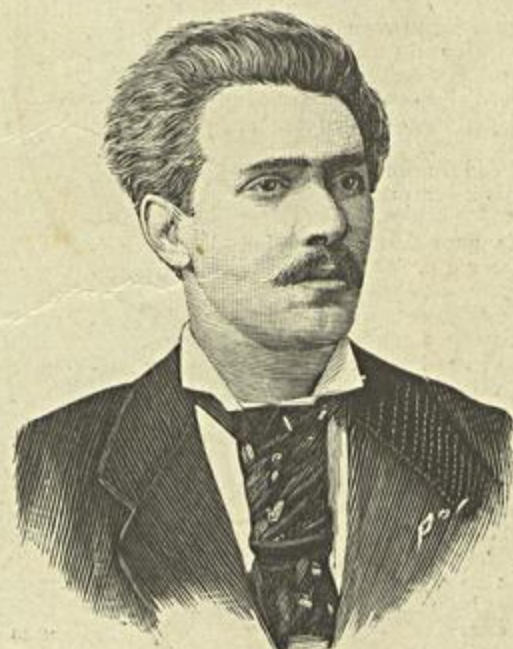
Houve um ruido enorme na outra casa; era o

Dr. Alves da Veiga

João Chagas

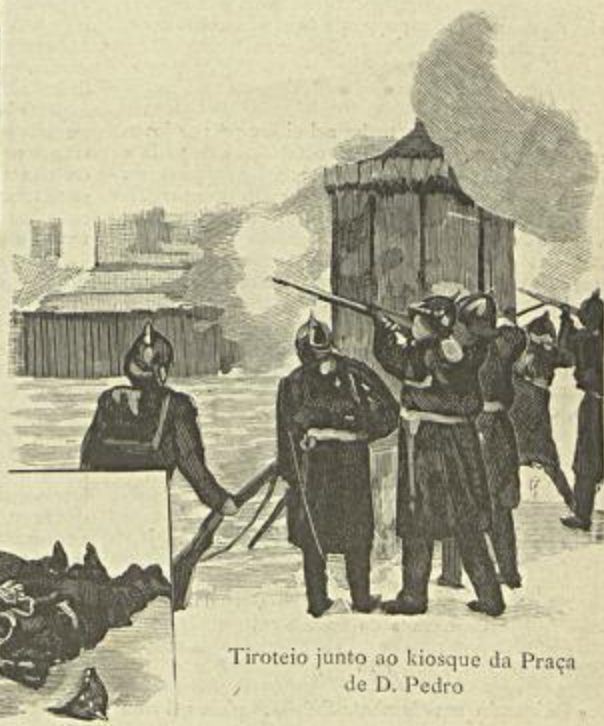
Proclamação da Republica, das janellas dos Paços do Concelho do Porto
(*Croquis* de L. Freire)

Santos Cardoso

O Capitão Antonio do Amaral Leitão

O actor Miguel Verdial

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

Coronel João de Lencastre e Menezes
Commandante de infanteria 18

Encontro dos insurreccionados com as tropas fieis ao governo, na rua de Santo Antonio
(*Croquis* de L. Freire)

Tiroteio junto ao kiosque da Praça de D. Pedro

Depois da refrega

N'um telhado da rua de Santo Antonio
(*Croquis* de L. Freire)

Alferes Malheiros

João Paes Pinto, Abbade de S. Nicolau

telhado que desabava... — e pelas portas de communicação, espedaçadas, entrou um jorro de lume que os deslumbrou.

Tiveram ambos o mesmo pensamento e, despertos, convulsos, no nervosismo do mesmo terror, correram um para o outro, exclamando na mesma voz debil:

—Vem!

— Vem!

E arrastaram-se para fóra da casa e ambos queriam ficar, gosando a volupia amargurosa da propria dôr que revivescia ante aquelle fogo, destruidor de tantas coisas queridas.

O leito do noivado ardia já, entre um ruido triturado do vernis que estala.

Alguem tinha quebrado as janellas e um homem vigoroso, asselvajado pela coragem, entrou bradando-lhes:

— Saiam! — e empurrava-os com brutalidade, magoando-os.

Iam a sair e ella, apontou ao marido alguma coisa que ficava no leito, prestes a queimar-se. Era um diadema de laranjeiras que ella formara com um entrançamento do seu cabello negro, n'uma hora de apaixonado requinte...

Elle correu a salval-o, mas o homem deteve-o, esmagando-lhe, n'uma crispação nervosa de dedos, os braços tremulos.

Houve uma pequena lucta e o noivo, vencido, extenue, semi-louco, viu consumir-se lentamente aquella recordação querida de um dia feliz.

Depois desceu automatamente, levando a noiva comsigo, ambos attonitos, insensiveis aos encontros da massa que comprimia brutal, inconsciente, os deventurados!

*
* *

Eu, arrastado pela turba achei-me na rua involuntariamente, contundido, o fato esfarrapado e ouvindo — de um lado, os soluços abafados da mulher que perdera o filho, e vendo do outro, o grupo dos noivos, juntos, confortando-se e chorando as mesmas lagrimas.

E então, n'um momento em que o clarão do incendio se alongava pondo um reflexo sangrento no azul escuro da noite, vi bem clara e bem nitida a differença das dôres humanas: — a mãe chorava um filho morto, os noivos, a perda da paz idyllica da sua noite nubil, e eu... lamentava miseravelmente, egoistamente, o estado do meu fato, cortado em farrapos!

D. João de Castro.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

(Continuado do numero 436)

IV

«Reinando em Cambaia Sultão Badur, rei mui poderoso e rico, debaixo cujo senhorio e mando eram outros reinos, d'elles herdados de seus antecessores, e d'elles adquiridos e domados por seus exercitos; vivendo elle mais pacifico de seus visinhos que de si mesmo, movido da sua inquieta natureza, quando lhe faltava nos estranhos poder executar suas revoltosas e insolentes condições, nos subditos e vassallos seus, assim grandes como pequenos, nos que amava e desamava, em suas mesmas mulheres, emfim em seus proprios irmãos, o rigor da sua sanguinolenta sêde mui a miudo fartava.»

Assim principia Lopo de Sousa a sua narrativa, apresentando-nos, a traços largos, e n'uma lingua e fórmas vasadas nos moldes latinos, como era proprio d'um filho da Renascença, educado com os grandes escriptores de Roma, não o retrato physico, mas as linhas geraes, que depois amiuda, do caracter feroz do despota oriental, que elle vira, e que tão tragicamente veiu acabar ás mãos dos soldados de Nuno da Cunha.

Não faremos n'este breve estudo o resumo historico dos factos que o escriptor conta, nem nos demoraremos a analysal-o litterariamente, se bem que o assumpto seja tentador, e que o auctor nos apresente um bom exemplar da transformação rapida que se ia operando na lingua, sob a influencia dos grandes mestres da prosa e da poesia latina, mas apontaremos aqui e alli alguns dos episodios que mais impressão produziram em nosso espirito, já por si, já pela forma porque estão descriptos.

Um d'esses é a tomada da ilha de Beth, depois conhecida pelo nome de *ilha dos mortos*, que foi a primeira empreza da poderosa armada que Nuno da Cunha capitaneava e sahiu de Goa com destino a Diu.

Era governador d'essa ilha um turco valente, que preferiu morrer a entregar-se sem condições, como Nuno da Cunha lhe exigiu.

Não o atterraram nem o nome do Governador, nem a fama das victorias portuguezas, nem o aspecto imponente da grande armada de perto de duzentas velas, que alli estava á sua vista, onde ia a flôr dos capitães e soldados da India; e á intimação que recebeu para se render, entregando tudo, armas, pessoas e fazenda, respondeu que, vista a desegualdade das forças, abandonaria a terra e a fortaleza, mas só isso, passando á terra firme, elle e todos os seus com o que tinham e quizessem levar.

Este impôr de condições, este tratar de egual para egual, quando a inferioridade do capitão turco era manifesta, se não em valor, com certeza nos meios de ataque e de defeza, não o acceitou o animo de Nuno da Cunha. Não estava nas tradicções dos nossos guerreiros aquelle genero de transacções, nem o momento era azado para abrir uma tal excepção na regra geral das nossas campanhas no Oriente.

Com effeito partir de Goa com uma armada de cento e noventa e cinco navios para estacar deante da primeira fortaleza rasteira, que encontravam, só porque detraz d'esses muros estava um homem valente e na sua expugnação podiam perder-se algumas vidas d'esses que alli andavam affeitos, expostos e devotados á morte todos os dias, no mar e na terra, não o julgou o nosso almirante conveniente, nem digno de si e dos homens que commandava, nem do nome portuguez. Aconselharam-lhe alguns dos seus amigos que acceitasse a proposta do turco, sem pensarem, decerto, que na sua posição, elle não podia recuar, porque detraz das condições do inimigo, e nas entrelinhas da sua resposta, estava uma ameaça — a da resistencia, a d'um combate, d'uma lucta desesperada, talvez com graves perdas para os atacantes, embora ficassem vencedores.

Não tinha importancia a posse da ilha? Não estava aquella empreza no programma do Governador. Podia malograr-se o assalto? Estas e outras rasões militariam a favor do parecer contrario ao ataque, mas não conseguiram ellas demover o famoso capitão do seu primeiro proposito, em que mais se confirmou, quando o governador turco, em terceira replica, lhe mandou dizer que «pois ia a uma empreza de tanto pezo como era a cidade de Diu, que não devia querer emprehender coisa tão pequena como aquella ilha, em que não havia que desejar; a qual lhe serviria de em ella quebrar o alvoroço da sua gente de guerra, e por ventura pol-os em perigo, porque elle havia de defender aquelle logar o melhor que podesse.»

Está-se a vêr com que rosto e com que vontade Nuno da Cunha ouviria, da bocca do seu interprete, aquelles conselhos amigaveis, e aquella ameaça do turco, quando lhe fallava de esmorecer o *alvoroço* dos seus soldados, cujo valor ficaria amesquinhado com a sua brava resistencia, com a rija peleja, que se ia travar alli, n'aquelle ilheu, ignorado e perdido no meio do oceano!

Respondido ao turco e determinado o assalto, decidiram-se os cercados a bem morrer, para mostrar a resolução em que estavam, esforçados e persuadidos pelo seu chefe, de que a vida sem a liberdade nada valia, e que lhes era melhor a morte do que o captiveiro, principiaram por matar as suas mulheres, os filhos, os velhos e os invalidos, tudo emfim o que não podia combater, e depois trazendo para a praça da fortaleza quanto possuiam, «quantas coisas ricas tinham, boas e más,» tudo queimaram, «deixando sómente armas e desesperação para despojo de seus inimigos»!

A investida foi furiosa, a resistencia desesperada. A' porta da fortaleza caiu Heitor da Silveira, mortalmente ferido com um tiro d'espingarda, e ahi morreu tambem o commandante turco, como um bravo que era. A carnificina foi medonha, nem outra coisa podia ser, havendo-se os nossos com homens enfurecidos, que não queriam render-se, e que, como os defensores de Sagunto, tinham acabado com tudo que os prendia á vida, para que nada sentissem, quando a perdessem. Perseguidos com um encarniçamento ferino, caçados nas cavernas e esconderijos, os que não cahiram nas primeiras refregas do assalto, ainda nas proprias mulheres, que escaparam áquelle primeiro sacrificio, com que elles se prepararam para a morte, se viu o valor exaltado, e fanatico com que se dedicaram pela sua liberdade e antes quizeram morrer que ficarem captivos dos portuguezes!

Gaspar Corrêa, o das *Lendas da India*, que ia na esquadra de Nuno da Cunha, e tambem entrou no combate, diz no cap.º XXIII do livro III: «Eu no meu catur fui rodeando a ilha, e fui para tomar quatro molheres que estavam sobre um penedo no mar, a que ellas foram a nado, mas um mouro que com ellas estava tinha uma adaga com que as começou a degolar, e eu as vi aparar a garganta, que o mouro as degolasse, a que não pude tanto remar que primeiro degolou duas, as outras duas ficaram porque um tiro de espingarda derribou o mouro, e estas duas se deitaram ao mar por se matar e afogar, mas os remeiros se deitaram a nado, e por força se metteram no catur, de que se tornaram a deitar no mar, pera morrerem antes que serem captivas.»

«Foi, finalmente, tomada esta ilha, sem em ella se tomarem mais que dois ou tres captivos e nenhum outro despojo, sómente as cinzas do que queimaram. D'este dia em diante se chamou a Ilha dos Mortos, pelo effeito.»

Assim acaba, com um final de phrase digno de Tacito, este capitulo de Lopo de Sousa Coutinho.

A Ilha dos Mortos, pelo effeito!... E' d'uma concisão romana: o exterminio tinha sido total.

Assim eram as guerras, n'esse tempo, e assim eramos nós. Assim se entendia então e praticava entre christãos e turcos, e entre christãos e... christãos.

Isto passou-se em 1531, em Beth, a sete leguas de Diu, na longiqua Asia. Quatro annos antes, em 1527, os bandos de *reitres* do Condestavel de Bourbon, principe, primo do Rei Christianissimo, Francisco I, e alliado do *Rei catholico* Carlos V, punham cerco a Roma, e o chefe d'esses bandoleiros, Jorge Frondsberg, proclamava no seu acampamento a tenção que tinha de enforcar o Papa com uma corrente de oiro! A balla certeira do arcabuz de Benvenuto Cellini, que, segundo elle conta nas suas *Memorias*, matou o Bourbon, traidor á sua patria e á sua fé, não impediu que o seu exercito entrasse em Roma, e como uma horda de selvagens, durante uns poucos de dias, roubasse, incendiasse e matasse; dando, na Europa e na capital do mundo christão, o espectaculo repugnante e odioso dos mais repellentes vicios, e dos mais horrendos crimes, commettidos por christãos contra a humanidade e contra a religião!

A historia, como a justiça, não pode ter dois pesos, nem duas medidas, para avaliar os actos dos homens. Contrapozemos o saque de Roma, em 1527, á matança da ilha de Beth, no Oriente, em 1531, independente da desegualdade e da importancia das duas empresas; porque, consideradas em si as duas tragedias, a que mais horror nos causa não é a acção dos portuguezes, batendo-se a peito descoberto contra inimigos resolvidos a matar e a morrer, é essa coisa infame, feroz, monstruosa, esse espectaculo hediondo, e aviltante para a especie humana, d'uma cidade augusta, e historica, como Roma, entregue, depois do assalto! a milhares de salteadores, a quem se deu o direito de não respeitarem nem a honra das mulheres, nem a vida dos homens, nem os templos, nem as obras do genio, nem o sagrado, nem o profano, e de rivalisarem, em pleno seculo XVI, na barbaridade, com os hunos de Attila e os vandalos de Genserico!

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

SCENAS BURGUEZAS

(Continuado no n.º 435)

V

PRIMEIRO BEIJO

Retiraram da janella...

Mario apoiava um dos braços sobre o aparador, derrubando o busto para traz.

Ema na frente d'elle, virada para a janella recebia em cheio a luz de tonallidades vermelhas, que lhe douravam o cabello franjado para a testa, dando aos outros o contraste da treva, por muito azevichados.

Com os braços descahidos, crusava no regaço as mãos pequeninas de dedos afilados, em que se notava o anilado das veias; verdadeiras mãos de *dogaressa!*

Fallavam da doença d'ella, dos cuidados e attenções que mutuamente se deviam; chegava-se ao capitulo perigoso de qual gostava mais ou devia mais ao outro; e, como estavam muito proximos, ella tocava com os cabellitos de ouro, levemente como um sôpro de briza, nos labios de Mario.

— Enlouqueces-me Ema, disse elle com a voz afogada.

Ella pareceu não o ouvir, de repente levanta para elle a cabeça illuminada por um sorriso estonteador.

—Queres ver como tenho as gengivas vermelhas? Porque será?

E dizia isto aproximando-lhe a boquinha côr de nacar, humida, mostrando os dentinhos alvissimos,

Mario passára já por todas as gradações da paciencia, e começou a sentir um como atordoamento, parecia lhe que o sobrado da casa descia com uma pasmosa rapidez!

Ella, agora, era a plethorica radiante de seducções.... aproximou-se mais, e elle curvado sentio na testa fria como a rocha o contacto enebriante dos seus cabellos quentes e macios.... A percepção intellectual adensara-se-lhe, a sensibilidade moveu o....; com um movimento brusco tomou-a pelos hombros e beijou a..... demoradamente nos labios muito profundamente, sentindo-lhe as gengivas; entregando-lhe toda a alma como quem não torna mais a fazel-o......

Não foi um beijo foi uma confidencia que os deixou attonitos.

Ella cambaleou em direitura á janella, excessivamente corada, esfregando com a mão os beiços vermelhos como se os tivesse queimado, e murmurava a tremer:

—Isso não se faz!... E' mal feito, Mario!... E' muito mal feito. Se fosse outra. ...

Elle pallido de remorsos e como fixado ao chão —ficou n'um espanto enorme, aterrado do que fizera, de não sentir o tecto esmigalhar-lhe o crâneo—pensava com uma fixidez de idiota.

—Perdão!... perdão!...

Apertava-lhe a larynge como um garróte o soluço percursor das lagrimas, não podia articular uma palavra.

Ella olhou-o e assustou-se porque elle realmente soffria muito.

Então, a Ema, de cabeça baixa, olhar esquecido, cheia de generosidade, socegou-o, estendeu-lhe a mão:

—Perdoêmos-nos mutuamente, disse n'uma expiração rapida como o estremecimento.

Tornara-se a creança angelical; e, quando em Mario as faculdades readquiriram seu exercicio regular, e veio a razão mostar-lhe o perigo e a intelligencia condemnar-lhe o gozo. teve um grande desalento, arrependeu-se, fôra *um fraco*...

....

....

Na sala contigua, o general, passeava a sua erudicção desde *Giraldo sem pavor* até ao fallecimento do *marechal-duque*.

—

A salla dos Carrilhos era adornada com um luxo *recherché*, Logo, ao primeiro golpe de vista, se comprehendia que este compartimento não fôra mobilado conforme o gosto ou vontade de uma pessoa, mas segundo o voto de dezenas d'ellas.

O sobrado coberto de um tapete cáro. de Utrech, tinha largas barras de granada com flores côr de oiro; no meio, um grande quadro de fundo branco representava um *square* de relva semeado de rozas, sobre elle estava a jardineira de marmore rozado, pés dourados á Pompadour. Na parede que nos ficava na frente, vindo da caza de jantar, abriam para o campo dos Martyres duas janellas saccadas, os intervallos tinham *etagéres* com bijouterias. Á direita cobria a parede um sofá sob um grande quadro a olêo de Annunciação; na frente d'elle um pianno horizontal das fabricas de Dresden, era elegantemente ladeado pelos altos reposteiros vermelho escuro suspensos nas suas gallerias negras com friso dourado e cobriam as portas, da escada o que nos ficava mais proximo, do quarto de Ema o que ficava ao fim em angulo recto com a parede que olhava para o campo dos Martyres.

Uma *corbeille* dourada carregada de flôres naturaes sobre a jardineira, e alguns livros: *Marianna* de J. Sandeau, *Gerfaut* de Ch Bernard. *Graziella* de Ad. Lamartine e *De l'Amour* de Frederic Beylle (Sthendall) em luxuosas encadernações, eram gosto de Ema.

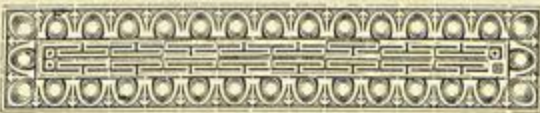
O sofá, estofado, de seda branca com largas barras ao centro bordadas a matiz, bem como seis cadeiras de madeira dourada, foram do voto do conselheiro Accacio Simões porque elle vira uma mobilia assim «no *cottage* de *Malbourough* em Inglaterra».

Uns retratos que cobriam as paredes em *pêle-mêle* de D. Pedro IV, D. Estephania, Mendes Leal, o major Bento, D. João VI e o *Remexido*, eram imposições de D. Genoveva que dissera:

—Pelos retratos da salla se avalia quem móra dentro.

O resto da mobilia, umas cadeiras grandes de pau santo guarnecendo a parede da direita onde estava aberta de par em par a porta que communicava com a caza de jantar, uma *etagère* sobre a qual pousava uma casinha feita de pennas de perú; obra terrivel de paciencia, gomma arabica, madureza e falta de gosto, — era ideia de D. Joaquina.

(Continua)

Manoel Barradas

NOVIDADES DA SCIENCIA

Cores inalteraveis á acção da luz e do sabão. — É invenção do dr. Frank. Os tecidos são impregnados de um composto de oleo de linhaça puro e de naphta. Depois são estendidos em uma ampla casa, onde se mantém uma alta temperatura, afim de fazer evaporar os oleos volateis e oxydar o oleo de linhaça.

As côres assim preparadas resistirão muito á acção do ar, nada soffrerão aos raios do sol, e não podem ser atacadas pela soda caustica dos sabões.

A vegetalina. — Desde que o illustre chimico francez Mr. Chevreul demonstrou scientificamente, por observações baseadas sobre a experiencia, que a materia gorda do coqueiro apresenta, quanto á sua composição, uma analogia admiravel com a substancia gorda, que constitue a manteiga de vacca, muitas tentativas industriaes se teem feito com o fim de extrahir da *amendoa* do coco o corpo gordo neutro que elle encerra para o offerecer ao consumo publico. Tem havido porém certas difficuldades para a extracção d'essa materia gorda, e até hoje as experiencias teem ficado sem resultado algum.

Um novo producto parece que vem resolver o problema, e esse producto é a *vegetalina*, gordura que forma certa manteiga vegetal de perfeita brancura e de grande pureza, sem cheiro, nem sabor e de uma consistencia betuminosa.

O aspecto com que ella se apresenta desvia desde logo que se examina toda e qualquer ideia de fraude ou contrafacção.

A moda exige — não podemos ainda bem comprehender porque razão — que a manteiga seja amarella, se bem que todos conheçam que essa côr não lhe pertence de natural. Pois bem, á vegetalina póde dar-se facilmente essa mesma côr que de ordinario se empresta á manteiga de vacca por modo artificial.

A vegetalina é antes de tudo um producto natural, um corpo gordo neutro sem mistura alguma de materias estranhas. N'este ponto de vista, ella nos parece gosar d'um grande valor hygienico, pois não é conhecido actualmente nenhum corpo gordo comestivel que seja d'uma neutralidade perfeita, isto é, que não apresente composições estranhas. Todos os diversos *untos* que apparecem no commercio comteem quantidades consideraveis de acidos gordos de volateis que contrariam a digestão ao ponto de não poucas vezes se tornarem intoleraveis aos gastralgicos que infelizmente, por ahi ha em grande numero.

Pelas analyses chimicas da vegetalina que ultimamente se fizeram nos laboratorios de Paris, vê-se que ella é mais rica em materias gordas que todas as gorduras animaes, incluindo a propria manteiga de vacca que. pela analyse, deu 84 p. c. entretanto que a vegetalina deu 99 p. c.

Além d'isso é ella tanto mais apreciavel pela ausencia de acidos gordos e da agua, que n'ella se nota, e pela sua homogeneidade resistir á acção do ar, não creando ranço, podendo conservar-se durante um anno, ou mais, sem perder nenhuma das suas qualidades alimenticias, sendo portanto de inapreciavel vantagem para os tempos de guerra.

Em muitos dos hospitaes francezes ella tem sido admittida como experiencia, e tem-se visto pela ausencia completa de acidez, que ella se dá perfeitamente com os estomagos atacados de dyspesias e gastralgias. Os anemicos e os que padecem de gastrite dão-se com a vegetalina muito bem.

Veremos se nos nossos mercados ella se introduz e se, no caso affirmativo, os lisboetas a adoptam de preferencia a essas *margarinas* que por ahi se estão vendendo e estragando o estomago.

Meio de evitar as manchas amarelladas nas photographias. — Quando se emprega o papel bromoretado, se o desenvolvimento é muito prolongado, ou se o revelador é colorido, obtem-se uma tinta desagradavel, que degenera em manchas amarellas.

Para, de alguma sorte, remediar este inconveniente, M. Roden indica o banho seguinte:

Iodureto de potassio............	20 grammas
Chloreto d'ouro............	1 »
Agua............	400 »

A solução fica de uma côr de cinza escura. Para a empregar vão augmentando-se-lhe pequenas quantidades de agua até que fique amarella.

As provas fixas são em seguida lavadas com cuidado, e immersas n'este banho, que as colora de azul, entretanto que as manchas tomam uma côr purpurea. Retiram-se então, e deixam-se em agua bem limpa durante uma hora. As manchas purpureas desapparecem e a imagem azul torna-se negra, e toda por egual.

S. P.

REVISTA POLITICA

Pentence aos factos consumados a revolta militar-republicana que se deu no Porto e a que alludimos no fim da nossa ultima revista, em escassa noticia de ultima hora.

Ninguem já o ignora, porque o caso é de natureza d'aquelles cuja noticia chega a toda a parte, e quarenta annos de boa paz que temos disfructado, mais o fez extranhar, mais surprehendeu os espiritos pacatos e bons para os quaes tudo lhes parece navegar em mar de rosas embora de vez em quando lhe achem os espinhos.

Não entraremos, pois em discripções do que todos estamos fartos de conhecer, nem a indole d'esta revista permitte esses esbanjamentos, toda limitada a breves apreciações syntheticas, do muito que occorre na politica de mais ou de menos importante.

Assim resumiremos que a revolta foi em geral reprovada pelo paiz, principiando pelos proprios republicanos, o que não é para ninguem se admirar, uma vez que ella gorou.

Uma coisa, porem, curiosa se dá n'essa geral reprovação e é esta fundar-se que a revolta se realisou em má occasião, quando o paiz se vê a braços com duas questões qual d'ellas a mais compremettedora: a questão financeira e a questão ingleza.

Dizemos curiosa porque parece concluir-se d'aqui que, se a mesma revolta se tivesse dado em outro momento poderia acceitar-se como coisa boa, tal é a falta de convicções em que se vive n'este paiz.

Ora nós pensamos exactamente o contrario, e sem que approvemos a revolta pela mesma razão que não approvamos a inquisição que queria fazer christãos á força, entendemos que o mal estar em que se sente o paiz pela crise que atravessa é que a determinou, muito embora ella viesse aggravar a situação.

Não é preciso cansar-mo-n'os muito para encontrarmos a razão d'isto, porque ella está na propria natureza humana: quantas vezes procuramos cheios de esperança um remedio para nossos males que afinal nos aggrava ainda mais o nosso soffrer.

Se o actual momento não é azado para revoltas, muito menos era aquelle em que a nação estivesse satisfeita, e é por isso que achamos simplesmente banal o dizer-se que a revolta veio em má occasião, e por isso tanto mais para censuras, tanto mais para levantar odios contra os seus auctores.

Não está bem aos partidos monarchicos o dizerem isto, porque o mesmo que é reconhecerem a probabilidade de uma revolta contra as instituições que defendem; póde convir aos republicanos condemnarem a revolta, pela mesma razão que em setembro do anno passado diziam que não aspiravam ao poder ainda que lh'o offerecessem, e ao mesmo tempo preparavam juntas republicanas em diversos pontos do paiz para o que desse e viesse.

Entendemos que as revoltas são sempre condemnaveis apesar de no mundo nada se ter feito sem ellas; mas se a civilisação caminha e a humanidade aspira a um successivo aperfeiçoamento, deve libertar-se d'esses meios violentos que ensanguentaram os seculos passados, e fazer antes triumphar as suas conquistas pela força das convicções em vez de as fazer triumphar pela força das armas.

Mas acceitemos os factos taes quaes elles são e

se temos que glorificar os vencedores pela bravura com que defenderam as instituições que juraram manter, nem por isso votemos ao ostracismo os vencidos que se sacrificaram por uma idéa que tinham por bôa.

São todos portuguezes e todos combatem convencidos de que o fazem pelo bem da patria, e por isso repugna-nos ver algumas apreciações apaixonadas que para ahi temos lido, pouco generosas e mal cabidas n'este mundo de miserias em que não é facil encontrar quem, com a mão na consciencia, atire a primeira pedra.

Passada a primeira impressão, em que naturalmente os animos se exaltam, começa o coração a fallar e já por ahi vêmos uma corrente de commiseração para os vencidos, que vae melhor á indole dos tempos e ás lições da historia, e que Deos affaste de nós as guerras fratrecidas em que percamos as forças que nos restam e de que tanto precisamos para sustentar a nossa autonomia.

volta de pretos em S. Thomé, para dominar a qual foram precisas forças de Angola.

Felizmente os insurreccionados submetteram-se e a ordem parece restabelecida, segundo as ultimas noticias, no que cabe louvor ao sr. ministro da marinha pelas promptas providencias que deu.

E não se diga que depois de um tão longo socego, não entramos n'um periodo de actividade em que a polvora vae tendo o seu gasto.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Primeiras leituras:—E' o titulo de uma selecta infantil coordenada para uso das escolas primarias.

As primeiras leituras são coordenadas pelo primoroso poecta e erudito academico Joaquim de Araujo. E', para as escolas, o livro mais notavel que temos visto porque a par de variadissima leitura, põe o auctor, o estudante ao facto de documentos historicos de altissimo valor.

Diz-se que n'esta selecta faltam alguns dos nossos mais laureados escriptores, encontra-se porém a resposta a esta observação na *Advertencia* que Joaquim de Araujo publica, a paginas IX das *Primeiras leituras*:

«N'esta selecta entram a primeira vez na escola portugueza os maiores nomes da actual geração litteraria; pareceu-nos que era dever nosso trazer para um livro destinado á infancia exactamente os escriptores que teem contribuido pelo seu trabalho e pelo seu estudo para a transformação da nossa sociedade, dos seus usos, dos seus costumes, e dos seus methodos de ensino e aprendizagem. E pena é que alguns, e dos nossos mais laureados não tenham cabido no nosso modeste plano; e a ordem dos seus estudos umas vezes, outras *um estylo menos adequado ao fim que nos propozemos*, impediram que os chamassemos á autoria.»

E' um livro completo, para o que se tem em vista: — primeiras leituras.

Vende-se por 400 réis e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto.

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

A RUA DE SANTO ANTONIO ONDE SE DEU O ENCONTRO DOS REVOLTOSOS E AS FORÇAS FIEIS AO GOVERNO

Agora mais do que nunca é preciso o concurso de todos os portuguezes para sahirmos da difficil e angustiosa situação que atravessamos, e o governo, reconhecendo isto, procurou certificar-se bem se podia contar com o appoio incondicional dos partidos monarchicos.

O sr. presidente do concelho dirigiu-se aos chefes d'esses partidos, srs. José Luciano de Castro e Antonio de Serpa, n'este sentido e obteve a resposta mais satisfatoria para os seus desejos.

Em vista d'esta resposta, o governo activa as negociações com a Inglaterra no sentido de concluir o tratado, e diz-se que breve convocará as cortes para lhes apresentar algumas modificações á lei do monopolio do tabaco, monopolio que, segundo parece, sempre será uma das garantias do grande emprestimo que pertende realisar.

As difficuldades que cercam este governo não foi elle que as criou e por isso tanto mais auxilio se lhe deve para as vencer.

Amanhã deve partir a segunda expedição para Moçambique, e para que as coisas d'Africa nos não deixem folgar, appareceu tambem uma re-

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43